

Durante o período em que trabalhei como regente de coros, sempre pude observar um grande interesse por parte de pessoas desafinadas em aprender a cantar de maneira satisfatória. Moviada pela necessidade de ajudar essas pessoas e pela constatação de que não havia literatura disponível, pelo menos, na língua portuguesa, empreendi uma busca que culminou em um estudo mais profundo.

Para o propósito desta pesquisa, foram definidas como desafinadas as pessoas que, apesar de conviverem com os padrões musicais comuns à nossa cultura, não conseguem reproduzir vocalmente uma linha melódica, cometendo erros, entre os intervalos das notas, que a tornam diferente do modelo sonoro sugerido. Essa definição inclui as pessoas que: (1) cantam cometendo desvios; (2) não conseguem reproduzir nem uma determinada nota isolada, sendo, por este motivo, incapazes de reproduzir qualquer tipo de modelo proposto; ou (3) desafinam por só conseguirem cantar a partir de uma nota escolhida por elas. Neste sentido, a desafinação é considerada uma deficiência com diferentes graus de dificuldade, além de ter causas variadas. Pode ser passível de correção, embora tal correção varie em grau nos diferentes indivíduos.

Ao buscar pesquisas que abordassem o problema da desafinação, percebi que o assunto pode ser tratado sob a perspectiva (1) da pedagogia – nos relatos de experiências de pedagogos; (2) dos estudos que buscam comprovar cientificamente algumas características da desafinação, como, por exemplo, sua incidência em adultos ou crianças ou a possibilidade de correção do problema; e (3) das pesquisas feitas estritamente no campo da medicina. Cada uma dessas áreas procura definir termos que sejam adequados ao problema, uma vez que a utilização

¹ Este artigo é parte da dissertação de Mestrado intitulada *Desafinação vocal em adultos: um estudo sobre suas causas e procedimentos para resolvê-la*, defendida em março de 2002 no Programa de Pós-Graduação em Música da UNI-RIO, Rio de Janeiro.

do termo, no senso comum, muitas vezes é dúbia. Cabe aqui ressaltar que a pesquisa foi feita, basicamente, em livros ou artigos publicados em língua inglesa, já que o tema é raramente tratado na língua portuguesa. Porém, ao iniciar a pesquisa tive uma grande dificuldade para procurar o assunto por desconhecer o termo correspondente em inglês. A palavra *out of tune*, único termo a constar nos dicionários como significando desafinação, não constava em nenhum título de pesquisa ou livros, sendo encontrado apenas no corpo do texto, mesmo assim, poucas vezes. Finalmente, percebi que o termo *tone deafness*² era o mais usado. No decorrer da pesquisa, pude constatar que este termo não é considerado adequado e que outros termos também poderiam ser encontrados. Neste artigo, descrevo as várias possibilidades de termos a fim de facilitar futuras pesquisas de pessoas que se interessem pelo tema. Também foram incluídos os termos mais utilizados na língua portuguesa e a reflexão a respeito de sua utilização no senso comum. Os termos nesta língua parecem não gerar tantas controvérsias quanto seu equivalente na língua inglesa, porém podem ser usados de maneira equivocada no senso comum.

A DESAFINAÇÃO NO SENSO COMUM

Com frequência, as sonoridades pouco familiares ao ouvido das pessoas que não atuam profissionalmente no campo da música são avaliadas como desafinadas. Pode-se usar, para exemplificar essa afirmação, a música atonal, muitas vezes erroneamente assim caracterizada.

Uma voz de timbre diferente e não reconhecido como padrão dentro da cultura também pode conduzir a equívocos de avaliação e, portanto, ser considerada desafinada.

[...] algumas pessoas podem não ser “desafinadas” em qualquer sentido convencional do termo. (É possível que cantores populares com vozes “não convencionais”, como Bob Dylan ou Neil Young, possam ter sido assim descritos quando crianças.)³

² No decorrer do artigo aparecem diferentes grafias deste termo (*tone deafness*, *tone-deafness*, *tune deafness*, *tune-deafness*), seguindo a própria grafia utilizada pelos autores citados.

³ Levitin, Daniel J. *Tone Deafness: failure of musical anticipation and self-reference*. Disponível em <<http://ww2.mcgill.ca/psychology/levitin/>>. Acesso em 25 abr. 1999.

Esta afirmação acima pode ser confirmada pelo depoimento de Milton Nascimento ao programa *Fantástico* (Rede Globo, novembro de 1993), em matéria cujo tema era a desafinação. O cantor descreve que foi reprovado em canto quando tinha 10 anos de idade. Ao apresentar seu boletim em outra escola, causou estranheza aos professores o fato de suas outras notas serem altas. Os professores pediram, então, que ele cantasse e o resultado foi um canto tão belo e afinado que um dos professores começou a chorar.

O depoimento acima ilustra a afirmação de que, quanto menos usuais forem as vozes, maior o risco de serem consideradas desafinadas. Em geral, tal tipo de engano ocorre com pessoas de vozes muito agudas, talvez devido ao fato de esse tipo de voz colocar em maior evidência os problemas vocais; normalmente o equívoco ocorre na infância, levando a pessoa a se considerar desafinada. Por outro lado, nas vozes graves os problemas não ficam tão aparentes, sendo por isso menos provável que as pessoas com esse tipo de voz sejam classificadas, por pessoas que não tenham um certo grau de conhecimento musical, como desafinadas.

O que se observa é que não é o fato, em si, de ter voz aguda que gera o equívoco de avaliação, mas a falta de habilidade no controle da emissão vocal; é muito comum que aqueles dotados com esse tipo de voz sejam acusados de cantar como “gralhas” ou de ter a voz “esganiçada”, e tal fenômeno, para a maioria das pessoas, é sinônimo de desafinação, quando na verdade pode ser apenas uma característica de tessitura ou timbre.

Nota-se também que, no senso comum, tanto o termo afinado quanto desafinado não são, muitas vezes, utilizados de maneira própria. Em um coro iniciante, por exemplo, poucos têm coragem de afirmar se um acorde está ou não afinado. Os termos mais usados são bonito, feio, agradável etc.

Outro tipo de uso equivocado do termo aparece quando se ensina uma pessoa, pouco habituada à prática musical, a cantar uma melodia. Dependendo do grau de dificuldade que essa pessoa tenha para reproduzir a melodia de imediato, ela pode vir a ser classificada como desafinada. Porém, ela pode estar errando por não ter ainda conseguido memorizar a melodia correta. Neste caso, a pessoa poderia apenas estar cantando “notas erradas”, não devendo ser julgada desafinada.

Conclui-se que muitos indivíduos se consideram ou são considerados desafinados sem que isso corresponda à verdade. Certamente, esses enganos ocorrem por serem as definições a respeito da desafinação tão distintas entre si.

TERMOS ENCONTRADOS PARA DEFINIR A DESAFINAÇÃO

Apesar de a palavra desafinado(a) ser a mais usada na língua portuguesa para designar pessoas incapazes de reproduzir corretamente a altura das notas, ela deve ser avaliada em função do contexto no qual é usada, pois pode indicar uma vasta gama de distorções da afinação esperada.

Existem outros termos a serem considerados, como, por exemplo, “monotônico” – usado para designar pessoas que ao tentar acompanhar o movimento melódico proposto apenas gravitam em torno de uma mesma altura, em geral próxima da região da fala. Outros termos usados são “desentoado” e “semitonado”. A palavra desentoar aparece nos dicionários como sinônimo de desafinar, e no uso corrente é usada desta maneira; enquanto o dicionário Aurélio⁴ nos indica que semitonar significa cantar ou entoar em semitom, o dicionário Houaiss⁵ nos dá o significado de “desafinar para baixo”. O termo semitonar, contudo, é usado entre músicos para caracterizar desvios leves com relação à afinação esperada, sejam eles para baixo ou para cima, mas nunca é utilizado com o significado de cantar por semitons.

Nas pesquisas escritas em língua inglesa, uma grande variedade de termos significando desafinação pode ser observada. Embora o termo *out of tune* seja o único a ser encontrado nos dicionários significando um cantor ou instrumento desafinado, ele não constava em nenhum título de pesquisa. Provavelmente, o termo é mais usado entre músicos ao se referirem a desvios relativamente leves.

Em inglês, a palavra mais usada é *tone-deafness*, cuja possível tradução é “surdez para as notas musicais”. Variações em torno do termo são propostas, como é o caso de *tune-deafness* (surdez para melodias), proposto por Kalmus e Fry.⁶ Levitin, entretanto, argumenta que “o termo *tone deafness* tende a ser aplicado

⁴ Ferreira, Aurélio B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* [Aurélio], 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁵ Houaiss, A. & Villar, M. de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

⁶ Kalmus, H. & Fry, D. On tune deafness (dysmelodia): frequency, development, genetics and musical background. *Annals of Human Genetics*. Londres, v. 43, p. 369-383, 1980.

indiscriminadamente a uma constelação de deficiências no processamento, percepção e produção musicais”.⁷

Mitchell⁸ observou que, embora os desafinados de sua pesquisa fossem capazes de reconhecer notas erradas nos testes, eles certamente não percebiam seus erros quando cantavam. A partir desta constatação, Mitchel emprega apenas os termos *non-singer* (“não cantor”, cantor incapaz) e *out of tune singer*, uma vez que a causa do problema parece estar mais ligada à incapacidade de reprodução vocal do que a uma deficiência no campo da audição, como o termo *tone-deafness* sugere.

Mawhinney⁹ alerta que este termo pode sugerir um paralelo com o fenômeno visual do daltonismo (*colour-blindness*: cegueira para as cores), sendo que se este fosse o caso, o estudo da desafinação traria *insights* para a psicologia do processamento auditivo, assim como as pesquisas sobre o daltonismo trouxeram para os estudos da visão. Porém, o próprio autor alerta que esse paralelo é problemático, pois a literatura musical critica o termo *tone deafness* por este sugerir que a desafinação seja causada por alguma deficiência auditiva. Ao concluir sua pesquisa, Mawhinney afirma que, até ser estabelecida uma relação entre a desafinação e suas causas, o termo *tone-deafness* não deveria ser usado cientificamente.

Nos artigos escritos entre as décadas de 30 e 60, além de *tone-deafness*, que é usado tanto como adjetivo quanto substantivo, encontra-se o termo *monotone*. Apesar de menos comum, o termo *tone-dumbness* também pode ser utilizado. Levando em consideração que a palavra *dumb* pode ser traduzida como mudo, pode-se avaliar que esse termo seja usado para designar pessoas que são capazes de reconhecer as alturas musicais, mas não são capazes de cantá-las. De qualquer forma, o termo é tão inadequado quanto *tone-deafness*.

Por volta da década de 70, percebe-se que essas denominações passam a ser menos aceitas, e uma grande parte dos autores (como Davies e Roberts, Forcucci,

⁷ Levitin, Daniel, op. cit.

⁸ Mitchell, Philip A. Adult non-singers: the beginning stages of learning to sing. *Psychology of Music*. Londres, University of London, 19, p. 74-76, 1991.

⁹ Mawhinney, Thomas. “Tone-deafness” and low musical abilities: an investigation of prevalence, characteristics, and tractability. Tese (Doutorado em Filosofia) – Queen’s University, Kingston, Ontario, Canadá, 1986.

Kazez, Stene e Welch¹⁰) se queixa da inadequação dos termos usados. Alguns propõem a utilização de substitutos, como Davies e Roberts, que sugerem *poor pitch singer* – cantor pobre em altura; Stene, que propõe *singers of undeveloped voices* – cantores de vozes não desenvolvidas; ou Forcucci, que prefere *restricted* ou *limited-range singers* – cantores restritos ou de extensão limitada.

A dificuldade de encontrar, na língua inglesa, um único termo que seja usado por todos os autores talvez se justifique pela problemática do tema. Percebe-se que a maioria dos pesquisadores se sente desconfortável ao ter que utilizar os termos *tone-deaf* e *monotone*. Provavelmente, isso se deve ao fato de o primeiro termo indicar erroneamente, como já foi mencionado, problemas na área da percepção. O segundo, usado com abrangência suficiente para abarcar também vários tipos de desafinação, deveria ser utilizado apenas para um tipo de desafinado: o de pessoas capazes de emitir apenas uma ou poucas notas em torno de um pequeno centro.

Os termos encontrados nos diversos autores estudados estão listados abaixo em tradução aproximada. Como já foi explicado, alguns surgem nos textos a partir de reflexões a respeito de sua inadequação. Outros são sugestões consideradas mais apropriadas:

- a. *Backward singer* – cantor pouco desenvolvido, retardado;
- b. *Defective singer* – cantor defeituoso, deficiente;
- c. *Droner* – cantor que zumbe, como uma abelha;
- d. *Groaner* – gemedor;
- e. *Growler* – rosnador;
- f. *Grunter* – grunhidor;
- g. *Inaccurate singer* – cantor incorreto, pouco preciso;
- h. *Limited singer* – cantor limitado;
- i. *Melody-deaf* – surdo às melodias, incapaz de perceber ou reproduzir melodias;
- j. *Monotone* – monótono, tom uniforme e invariável;

¹⁰ Davies, Ann & Roberts, Emily. Poor pitch singing: a survey of its incidence in school children. *Psychology of Music*. Londres, University of London, v. 3, n. 2, p. 24-36, 1975; Forcucci, Samuel L. Help for inaccurate singers. *Music Educator Journal*. Washington, v. 62, n. 2, p. 57-61, 1975; Kazez, Daniel. The myth of tone deafness. *Music Educator Journal*. Washington, v. 71, n. 8, p. 46-47, 1985; Stene, Ellin. There are no monotones. *Music Educator Journal*. Washington, v. 55, p. 46-49 e 117-121, 1969; Welch, Graham. F. Vocal range and poor pitch singing. *Psychology of Music*. Londres, University of London, v. 7, n. 2, p. 13-31, 1979.

- k. Non-singer* – “não cantor”, incapaz de cantar;
- l. Out-of-tune singer* – cantor desafinado;
- m. Pitch deaf* – surdo às alturas dos sons, incapaz de perceber ou reproduzir as alturas dos sons;
- n. Pitch deficient singer* – cantor com deficiências em relação às alturas dos sons;
- o. Pitch weak subject* – cantor fraco quanto às alturas;
- p. Poor pitch singer* – cantor mal dotado quanto à altura dos sons;
- q. Problem singer* – cantor problemático;
- r. Restricted singer* – cantor restrito, limitado;
- s. Singers of undeveloped voices* – cantores de vozes não desenvolvidas;
- t. Tone dumb* – mudo quanto aos tons, incapaz de reproduzir os tons;
- u. Tone-deaf* – surdo aos tons, incapaz de perceber os tons;
- v. Uncertain singer* – cantor incerto, errático;
- w. Untuned singer* – cantor desafinado.

Além desses termos específicos, pode-se encontrar a expressão “*he (she) can’t carry a tune in a bucket*” (como em Kingsbury e em Stene¹¹) com o significado de que a pessoa não é capaz de entoar melodia de espécie alguma. A tradução literal desta frase – ele não consegue carregar uma melodia em um balde – sugere uma analogia com o fato de uma pessoa não conseguir carregar água em um balde sem que esta derrame. Analogias como essa também podem ser encontradas na língua portuguesa, como por exemplo na expressão “todas na trave”, usadas entre cantores de coro para definir pessoas que cantam todas as notas fora da altura.

Com relação às outras línguas, um dos artigos estudados indica que a desafinação é conhecida em alemão por *Melodientaubheit* (Kalmus e Fry¹²). É curioso notar que este termo tem uma tradução semelhante à da palavra *tone deafness*, significando, ao pé da letra, surdez para melodias. Em francês usa-se a expressão *chanter faux*, ou cantar em falso, no sentido literal. A expressão *avoir la voix et l’oreille fausses* (ter a voz e os ouvidos “falsos” ou “errados”) também pode ser utilizada na língua francesa (Mawhinney¹³).

¹¹ Kingsbury, Henry. *Music, talent, and performance: a conservatory cultural system*. Philadelphia: Temple University Press, 1988; Stene, Ellin, op. cit.

¹² Kalmus, H. & Fry, op. cit.

¹³ Mawhinney, Thomas, op. cit.

Cabe aqui ressaltar que o termo *desafinado* e seus correlatos utilizados na língua portuguesa não remetem a nenhum tipo de deficiência, indicando apenas o problema e não sugerindo suas causas.

A DESAFINAÇÃO PARA A ÁREA MÉDICA

Para a área médica, a desafinação pode estar inserida numa patologia denominada *amusia*. Embora seja mais correto utilizar esse termo para caracterizar dificuldades musicais mais amplas do que a desafinação, ele pode ser usado como palavra-chave para encontrar estudos ou artigos mais específicos sobre a desafinação e sua relação com problemas de ordem neurológica ou física. Problemas neurológicos ou no aparelho auditivo podem, naturalmente, fazer com que a pessoa cante desafinado. Existe também a possibilidade de a desafinação ser um traço genético.

A) AS DESCOBERTAS DE ALFRED TOMATIS¹⁴: SATURAÇÃO AUDITIVA

Em 1940, o médico francês Alfred Tomatis iniciou uma pesquisa relacionada à audição. Em 1947, o pesquisador foi procurado por um cantor que se queixava de não afinar mais em uma determinada região (começando próximo ao mi b3). Os exames de laringe demonstraram que o problema não residia naquele órgão. O pesquisador passou, então, a investigar as causas no campo da audição. Os resultados dos testes auditivos demonstraram que os cantores correm riscos de desenvolver uma surdez funcional, só comum em pessoas que trabalham em ambientes muito ruidosos. Tomatis mediu os sons produzidos pelo cantor e observou que eles atingiam surpreendentes 100, 110, 120 e até 130 decibéis, estando o aparelho de medição posicionado a um metro do cantor. Constatou-se que um cantor profissional emite sons que podem ser destrutivos para o seu próprio ouvido; quando o ouvido é exposto a ruídos intensos, ele sofre o que Tomatis chama de saturação, sendo ela causada pela fadiga auditiva. Tomatis prosseguiu fazendo experiências a fim de determinar a influência da saturação auditiva.

¹⁴ Tomatis, Alfred. *The ear and language*. Trad. Billie M. Thompson. Canadá: Moulin Publishing, 1993.

Através da saturação podemos parcialmente conseguir eliminar a audição. Para produzir a saturação é necessário que o sujeito se exponha a um ambiente de alta intensidade sonora por um período que pode variar de 20 segundos a um minuto.¹⁵

A saturação afeta a curva auditiva criando o que o autor chama *scotoma*, ou “ponto de surdez”, ou seja, a pessoa fica incapaz de ouvir uma determinada faixa de frequência. Dependendo da região onde esse *scotoma* se localize, ele pode gerar vários problemas: próximo aos 2.000 Hz (por volta da nota dó 4), por exemplo, a voz do cantor se torna mais fraca e vacilante, além de menos rica em harmônicos. Se o *scotoma* avança e invade o espectro de frequência a ponto de apagar as frequências entre 1.000 e 2.000 Hz, as dificuldades de controle da afinação começam a acontecer.

Tomatis afirma que nenhuma técnica ou experiência ajuda o cantor a afinar, se ele não é capaz de se ouvir. Essa constatação pode parecer óbvia, mas é completamente contrária à suposição, defendida por outros autores, de que a desafinação ocorre apenas devido a deficiências no campo da técnica vocal. Tomatis fez vários testes em que o cantor era submetido ao processo de saturação: os resultados mostraram que a experiência e a técnica dos cantores de nada adiantavam e a afinação passava a ser afetada. Assim que os ouvidos se recuperavam da saturação, o canto voltava a ser afinado.

Outros tipos de testes também foram feitos. Com a utilização de filtros, algumas faixas de frequência foram eliminadas; esse som alterado chegava ao ouvido do cantor através de fones de ouvido. Os resultados comprovaram que os cantores sempre perdiam certas características tímbricas, tais como o brilho, sendo que, dependendo das faixas eliminadas, a afinação também era prejudicada.

A premissa do método Tomatis, comprovada em 1953 na Academia Francesa de Ciências, é a de que “a voz pode produzir apenas aquilo que o ouvido pode ouvir”.¹⁶ Porém, esclarece o pesquisador, nem tudo que o cantor ouve pode ser emitido, pelo fato de o nosso aparelho vocal ser incapaz de reproduzir todos os sons detectados,

¹⁵ Idem, p. 78.

¹⁶ Idem, p. 87 e p. 200.

como as frequências mais altas, por exemplo. Os indivíduos parecem escolher e preferir ouvir determinadas faixas de frequência, dependendo do momento.

Tomatis desenvolveu um método de estimulação sonora que aumenta a capacidade auditiva da pessoa ajudando-a, não só a ter sua habilidade musical ampliada, como também incrementada sua capacidade de aprender idiomas. O tratamento é feito através da escuta de sons filtrados eletronicamente.

Apesar de ter tratado pacientes como Maria Callas e Gérard Depardieu e ter cerca de 200 centros de tratamento, seu método é praticamente ignorado, não tendo sido citado nas pesquisas aqui estudadas.

B) *AMUSIA, AUDITORY ATONALIA E AMELODIA*: DEFICIÊNCIAS NEUROLÓGICAS NO PROCESSAMENTO MUSICAL

Amusia é a perda, decorrente de lesão cerebral, de uma ou mais habilidades musicais, sejam as exigidas para ouvir música, como a capacidade de ouvir intervalos harmônicos, ou as exigidas para fazer música, como a leitura de partituras.¹⁷

Amusia é um termo genérico usado para indicar vários tipos de distúrbios no campo da percepção musical e não somente a desafinação. Por ser tratar, no campo da medicina, de uma área ainda nova, envolvendo o estudo do cérebro e suas funções, não se pode tirar conclusões a respeito dessa doença. Apesar disto, alguns autores acreditam que o termo possa estar relacionado à desafinação.¹⁸

Na *amusia* a pessoa pode perder sua capacidade de compreender a música, embora não perca sua capacidade auditiva. Os estudos são complexos e procuram descobrir quais áreas do cérebro são responsáveis pela compreensão da escuta musical. Algumas formas de *amusia* ocorrem na área da percepção, outras envolvem proble-

¹⁷ Jourdain, Robert. *Música, cérebro e êxtase*. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Objetiva, 1988.

¹⁸ Kalmus, H. & Fry, D. , op. cit.; Levitin, Daniel, op. cit.

mas com os sistemas simbólicos de leitura e escrita musical ou, ainda, compreendem a execução vocal ou atividades motoras-manuais.¹⁹

O caso mais famoso de *amusia* é o do músico Maurice Ravel. A causa de sua doença é desconhecida, mas foi acompanhada por um neurologista. Suas últimas composições foram completadas quando ele tinha 56 anos e, pouco depois disso, começou a apresentar os sintomas da doença. Apesar de detectar erros nas execuções de peças de sua autoria e de poder imitar uma nota tocada ao piano, era incapaz de solfejar. Ele se tornou incapaz de escrever música através de ditados e até as cópias se tornaram difíceis de serem feitas. Só conseguia cantar frases de suas próprias canções se alguém lhe desse a primeira nota, embora ele alegasse que podia ouvir a música “em sua cabeça.”²⁰

Em um estudo de caso, Peretz relata a história de um paciente que apresenta uma doença denominada *Auditory Atonalia* ou *Amelodia*²¹. A característica desta deficiência é a inabilidade da pessoa em organizar tonalmente as melodias, não percebendo a diferença entre uma melodia tonal e outra atonal.

O paciente estudado por Peretz, após uma cirurgia no cérebro, perdeu a capacidade de reconhecer melodias ou de identificar padrões tonais, como o de finalização, por exemplo. Suas habilidades lingüísticas se mantiveram, assim como a capacidade de distinguir outros eventos sonoros, como ruídos ambientais, timbres de instrumentos, sons de animais etc. Porém, ele não conseguia reconhecer músicas como o hino nacional e, quando solicitado a reproduzir uma melodia, o fazia sem que o resultado correspondesse ao modelo proposto. A sua capacidade de distinguir duas notas diferentes (intervalos) e o contorno melódico de um trecho de até seis notas foi preservada.

Peretz afirma haver pouca controvérsia a respeito dos distintos mecanismos neurológicos responsáveis pelo processamento do contorno melódico e dos intervalos. Ela ainda sugere um terceiro componente, que estaria relacionado à

¹⁹ Marin, Oscar & Perry, David. Neurological aspects of musical perception. In Deutsch, D. (Ed.), *The psychology of music*. Londres: University of London, 2.ed. Nova York: Academic Press, 1999, p.653-724.

²⁰ Idem, p. 659.

²¹ Peretz, Isabelle. Auditory Atonalia for melodies. *Cognitive Neuropsychology*, v.10, n. 1, p. 21-56, 1993.

interpretação tonal das notas musicais, isto é: a área do cérebro responsável pelo reconhecimento de intervalos pode não ser a mesma que organiza as relações do sistema tonal, além de ser diferente da que diz respeito ao contorno melódico. A autora acredita na possibilidade de que o sujeito de sua pesquisa pudesse ouvir a música tonal como a maior parte dos ouvintes ouve a música atonal, ou seja, sem um centro fixo, um eixo que dê sentido aos sons escutados.

Portanto, existe a possibilidade de algumas pessoas desafinarem por terem problemas de ordem neurológica, não sendo, por isso, capazes de organizar o material sonoro escutado. Isso nos leva a considerar, como já foi exposto, que a afinação pode não ser apenas uma questão de “acertar” a altura das notas isoladas, mas de perceber a função destas dentro de um contexto maior.

C) *ASONIA* E *DIPLACUSIS*: OUTRAS POSSIBILIDADES DE TERMOS MÉDICOS

Kazez²² afirma que a desafinação é formalmente conhecida como *asonia*, sendo este o único autor que utiliza tal termo. O autor indica que o termo é definido no *Butterworths Medical Dictionary* com o seguinte verbete:

um tipo de *amusia* na qual existe a incapacidade de se compreender ou ouvir as diferenças entre uma nota e outra da música, assim torna-se impossível cantar ou tocar um instrumento de corda afinadamente.

Kazez ainda sugere que as pessoas consideradas desafinadas podem sofrer de uma doença denominada *diplocusis*. O autor explica a doença da seguinte maneira:

Diplocusis é uma condição na qual uma nota é ouvida como duas ou mais notas diferentes, possivelmente acompanhada por ruídos e batimentos produzidos pela interação entre os dois sons.²³

²² Kazez, Daniel, op. cit.

²³ Idem, p. 47.

O autor assinala uma forma comum da doença na qual cada ouvido pode perceber um som diferente. Ele também afirma, citando outras pesquisas como suporte, que uma significativa relação entre essa doença e a desafinação foi encontrada por vários patologistas e audiologistas. Kazez sugere a possibilidade de se ajudar uma pessoa a controlar essa doença tapando o ouvido que ouve mal. Deste modo, o ouvido saudável aprende a discriminar os sons, sem ser confundido pelo outro.

D) *DYSMELODIA*: A POSSIBILIDADE DE A DESAFINAÇÃO SER UM TRAÇO GENÉTICO

Dysmelodia é o termo proposto por Kalmus e Fry²⁴ para ser usado no lugar de *tone* ou *tune-deafness*. Os autores acreditam que esta palavra indique sua semelhança com doenças tais como a dislexia (dificuldades com a leitura) e a disfasia (dificuldades com a fala) e que exista uma grande probabilidade de a desafinação ser um distúrbio de característica genética. Isso poderia significar que o filho de uma pessoa desafinada teria 50% de chances de ser desafinado. Entretanto, para os autores, a comprovação da desafinação como fator hereditário é difícil de ser feita.

A pesquisa de Kalmus e Fry, porém, parte do pressuposto de que a incapacidade de reconhecer notas erradas em uma melodia conhecida seja uma característica básica de pessoas desafinadas. Os testes usados por esses pesquisadores foram de discriminação auditiva e não de desempenho vocal. O pressuposto usado como ponto de partida da pesquisa pode conduzir a equívocos, pois existem pessoas que, apesar de serem desafinadas, conseguem perceber se uma melodia contém, ou não, notas erradas. Essas pessoas, na pesquisa de Kalmus e Fry, apareceriam como afinadas. Mitchell²⁵ usou o teste de Kalmus e Fry, o *Distorted Tune Test*, em três adultos desafinados e observou percentagens altas de acertos entre eles. O fato de reconhecerem as incorreções das melodias não significava que eles fossem capazes de afinar.

²⁴ Kalmus, H. & Fry, D., op. cit.

²⁵ Mitchell, Philip, op. cit.

CONCLUSÃO

A partir da variedade de termos encontrados para designar a desafinação, pode-se observar que o problema pode ser estudado sob vários ângulos, assim como muitas podem ser as suas causas. Ao se considerar o equívoco das denominações utilizadas no senso comum, constata-se que muitas pessoas são caracterizadas como desafinadas sem o serem. Assim, as técnicas pedagógicas podem ajudar tais pessoas a se tornarem aptas a cantar corretamente. As possibilidades de nomes encontrados na língua inglesa demonstram uma tentativa de nomear o problema a partir de suas causas. Por exemplo: *tone deaf*, que sugere que o cantor seja incapaz de ouvir, ou *tone dumb*, incapaz de cantar. Tal problema não ocorre na língua portuguesa, embora, como foi apresentado, o termo seja utilizado, freqüentemente, de maneira inadequada.

Os estudos dentro da área médica, principalmente no campo da neurologia, ainda estão em seu estágio inicial e não são conclusivos; eles apontam na direção de que alguns tipos de desafinação não podem ser corrigidos pela pedagogia musical e talvez nem mesmo pela medicina. De qualquer forma, o conhecimento da existência de tais distúrbios não deve servir de amparo para justificar o abandono daqueles alunos que desejam cantar afinadamente, pois existem evidências de que muitas pessoas desafinadas podem aprender a cantar de maneira satisfatória.